



GRUPO ABRACADABRA - CONTADORES DE HISTÓRIAS: A TESSITURA DE LEITORES POR MEIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM 23 ANOS DE EXTENSÃO

Maria Claudino da Silva

RESUMO

Curso de Letras/Instituto de Ciências Humanas e Sociais/CUA/UFMT
Professora Graduada em Letras/UFMT; Mestre em Educação/UFMT
– Adjunto III
claudinodasilva22@gmail.com
Celular: (66) 9 9225 5541

Este artigo objetiva apresentar o Projeto de Extensão “Grupo Abracadabra: contadores de histórias”, desenvolvido no Câmpus Universitário do Araguaia/Universidade Federal de Mato Grosso. Esse projeto existe desde o ano de 1994, completando, neste ano de 2017, 23 anos de incentivo à formação de leitores, por meio da contação de histórias, a partir da Literatura Infantil/Juvenil. Neste texto, são apresentados os dois suportes sobre os quais o projeto é desenvolvido: o suporte teórico que se sustenta na Linguagem, Educação, Leitura, Literatura Infantil e Juvenil e Formação do Leitor. O outro suporte, denominado prático, é balizado pela prática da contação de histórias, que ocorre em creches, escolas, eventos, para um público da Educação Infantil e jovens. Por meio da arte de contar histórias, esta atividade extensionista objetiva a formação de um sujeito/leitor capaz de compreender a sua presença do/no mundo, entendendo, também, as várias possibilidades de leituras, bem como os seus direitos e deveres como cidadão em uma determinada comunidade/sociedade. Trata-se de um trabalho a longo prazo, mas que, considerando o tempo de 23 anos ininterruptos de existência, já apresenta frutos valiosos no entrelaçamento do ensino, extensão e pesquisa, no Curso de Letras do Instituto de Ciências Humanas e Sociais do Câmpus Universitário do Araguaia/UFMT.

Palavras-chave: Grupo Abracadabra: contadores de histórias; Extensão; Leitura; Formação de Leitores; Contação de Histórias.

RESUMEN

Este artículo presenta el Proyecto de Extensión “Grupo Abracadabra: contadores de historias”, desarrollado en el Campus Universitario de la / Universidad Federal de Mato Grosso Araguaia. Este proyecto desde el año 1994, completando de este año 2017, 23 años para fomentar la formación de lectores, a través de cuentos, de Literatura / Jóvenes de los Niños. En este trabajo, presentamos los dos soportes en los que se desarrolla el proyecto: el soporte teórico que se basa en Lenguaje, Educación, Lectura, Literatura Infantil y Juvenil y el lector de Educación. El otro tipo de apoyo, denominado práctica, está

marcada por a prática de a narração, que tiene lugar en jardines de infantes, escuelas, eventos, a una audiencia de la Infancia y la educación de los jóvenes. A través de la narración, esta actividad de extensión objetivo la formación de un sujeto / lector capaz de entender su / presencia en el mundo, comprender; también, las diversas posibilidades de lecturas, así como sus derechos y obligaciones como ciudadanos en una comunidad / sociedad en particular. Este es un trabajo a largo plazo, pero, teniendo en cuenta el tiempo de 23 años ininterrumpidos de existencia, ya cuenta con valiosos frutos en el entrelazamiento de docencia, extensión e investigación en Literatura curso en el Instituto de Ciencias Humanas y Sociales de la Universidad Campus Araguaia / UFMT.

Palabras claves: Abracadabra Grupo: contadores de historias; Extensión; Lectura; la formación de lectores; Contar una historia.

1. INTRODUÇÃO

O fato de atuar como docente, no Curso de Letras do Instituto de Ciências Humanas e Sociais – Câmpus Universitário do Araguaia – UFMT, nas áreas de Prática de Leitura e Produção de Textos, Prática de Ensino, Estágio Curricular Supervisionado e Literatura Infantil e Juvenil, tem me possibilitado importantes reflexões sobre a Linguagem.

Como docente praticante da extensão dentro do CUA/UFMT, há alguns anos, tenho trabalhado com a Linguagem como essência humana e como possibilidade de desenvolvimento do sujeito/leitor.

Assim considerando, este artigo tem como escopo apresentar o Projeto de Extensão “Grupo Abracadabra: contadores de histórias”, desenvolvido pelo Curso de Letras do ICHS/CUA/UFMT, que tem, entre seus vários objetivos, o incentivo à formação do leitor, desde a mais tenra idade.



Figura 1: Grupo Abracadabra: contadores de histórias em Comemoração dos 21 anos do Grupo.

2. O PROJETO DE EXTENSÃO - GRUPO ABRACADABRA: CONTADORES DE HISTÓRIAS

Coordeno, há alguns anos, juntamente com o Professor Adenil da Costa Claro, no Câmpus Universitário do Araguaia - CUA/UFMT, o Projeto de Extensão, denominado “Grupo Abracadabra: contadores de histórias”. Esse projeto nasceu do pensar da Professora Sônia Maria da Silva Rezende, no ano de 1994.

Dessa data até hoje, em 2017, o projeto se repete todos os anos, tanto que completa, neste ano, 23 anos de efetivo trabalho, por meio da Extensão/UFMT.

O projeto foi criado, orientado por alguns importantes objetivos citados, a seguir:

- estabelecer uma política de leitura da Literatura Infantil e Juvenil;
- repensar práticas de leituras difundidas nas escolas da região;
- discutir e sugerir vivências de leitura infantil e juvenil;
- incentivar e formar o hábito de ler em crianças, jovens e adultos;
- difundir a função lúdico-cognitiva da leitura;
- explorar a função social da leitura, buscando o adentramento crítico no texto;
- dar conhecimento do livro infantil e juvenil ao maior número possível de estudantes e

2.1 O balizamento teórico e prático do grupo abracadabra: contadores de histórias

2.1.1 O suporte teórico

Na efetivação deste projeto de extensão, ele é desenvolvido sob dois suportes: um suporte teórico e um prático. Antes de apresentar esses dois balizamentos do Grupo Abracadabra, é importante falar que os participantes desse Projeto de Extensão são profes-



sores da rede pública e particular de ensino, estudantes da rede pública e particular de ensino e estudantes da UFMT.

No suporte teórico, vinculam-se a Linguagem, a Educação, a Leitura, a Literatura Infantil e Juvenil e a Formação do Leitor. Na sequência, esses eixos serão abordados, considerando o trabalho desenvolvido pelo Grupo Abracadabra: contadores de histórias.

A Linguagem baliza e norteia a vida humana. Pela palavra, o homem distingue-se dos outros animais. Pela Linguagem, o homem exprime seus pensamentos e ideias. Pela palavra, o homem é capaz de realizar.

Hjlemslev, citado por Chauí (2002, p.71), afirma que a Linguagem é:

[...] o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base mais profunda da sociedade humana.

O certo é que a Linguagem acompanha o homem por toda a sua vida. Possibilita-lhe comunicar-se, relacionar-se com o mundo e com todos que o rodeiam. A Linguagem faz o homem acontecer.

Ainda segundo Chauí (2002, p. 72), Platão, em seu diálogo *Fedro*, define a Linguagem como um *pharmakon*, ou seja, uma poção. Dessa concepção, o filósofo enumera três acepções para “linguagem”, considerando-a como:

1 - remédio: a Linguagem pode ser compreendida como um medicamento, um remédio para o conhecimento, já que, pela comunicação e pelo diálogo, o homem pode se dar conta de sua ignorância e aprender com as outras pessoas;

2 - veneno: quando o homem, seduzido pelas palavras, não consegue fazer uma clara distinção entre a verdade e a falsidade;

3 - cosmético: compreende-se a Linguagem como algo que dissimula, esconde a verdade, por meio das palavras.

Por esses pressupostos, observa-se, então, que a Linguagem é conhecimento e comunicação, mas pode ser, também, encantamento e sedução.

Como conhecimento, a Linguagem leva o homem a desenvolver-se cada vez mais como indivíduo/sujeito, pertencente ao *locus* onde habita. Numa relação dialética, Linguagem e Conhecimento se aprimoram. E a leitura entra nessa relação dialética, porque, por meio dela, o homem é capaz de produzir e transformar.

Sobre o segundo eixo do suporte teórico, sob o qual o Grupo Abracadabra: contadores de histórias baliza o seu trabalho, temos a Educação. Para Carlos Rodrigues Brandão (2007, p.07), “Ninguém escapa da Educação”. Conforme Brandão, todos os dias nos envolvemos com o processo educacional, ensinando e aprendendo. Não uma “educação”, mas várias “educações”. Para esse autor, ela, a educação:

[...] ajuda a pensar tipos de homens. Mais do que isso, ela ajuda a criá-los, através de passar de uns para os outros o saber que os constitui e legitima. Mais ainda, a educação participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades. E esta é a sua força (BRANDÃO, 2007, p.11).

Considerando as múltiplas formas de educação, inclusive aquela que forja, que forma dominados, pensamos numa “educação” que, à “moda freireana”, liberta, esclarece, fortalece, emancipa e reinventa homens.

Outro eixo do suporte teórico é a leitura. Maria Helena Martins (1985), em sua obra “O que é Leitura”, aponta 03 (três) níveis de leitura: sensorial, emocional e racional. Sobre esses níveis, Martins discorre, como se apresenta, abaixo:

- Leitura sensorial: A visão, o tato, a audição, o olfato e o gosto podem ser apontados como os referenciais mais elementares do ato de ler. [...] De certa forma caracteriza a descoberta do universo adulto no qual todos nós precisamos aprender a viver para sobreviver. Não se trata de uma leitura elaborada; é antes uma resposta imediata às exigências e ofertas que esse mundo apresenta; relaciona-se com as primeiras escolhas e motiva as primeiras revelações. Talvez, por isso mesmo, marcantes. Essa leitura sensorial começa, pois, muito cedo e nos acompanha por toda a vida (MARTINS, 1985, p. 40).

- Leitura emocional: Na leitura emocional emerge a empatia, tendência de sentir o que se sentiria caso estivéssemos na situação e circunstâncias experimentadas por outro, isto é, na pele de outra pessoa, ou mesmo de um animal, de um objeto, de uma personagem de ficção. Caracteriza-se, pois, um processo de participação afetiva numa realidade alheia, fora de nós. Implica necessariamente disponibilidade, ou seja, predisposição para aceitar o que vem do mundo exterior, mesmo se depois venhamos a rechaçá-lo (MARTINS, 1985, p. 51-52).



Figura 3:
Oficina de Contação de Histórias com o Escritor e Contador de Histórias João Luiz do Couto.

- Leitura racional: Importa, pois, na leitura racional, salientar seu caráter eminentemente reflexivo e dinâmico. Ao mesmo tempo que o leitor sai de si, em busca da realidade do texto lido, sua percepção implica uma volta à sua experiência pessoal e uma visão da própria história do texto, estabelecendo-se, então, um diálogo entre este e o leitor com o contexto no qual a leitura se realiza. Isso significa que o processo de leitura racional é permanentemente atualizado e referenciado (MARTINS, 1985, p. 65-66).

Em sua obra, a autora esclarece que esses níveis de leitura não se isolam e nem se hierarquizam. Em determinados momentos, o sujeito-leitor pode privilegiar um desses níveis, dependendo da circunstância de vida desse sujeito, no ato de ler.

Do entrelaçamento desses níveis de leitura, surge um sujeito-leitor mais consciente de suas possibilidades de reflexões, de suas habilidades com a linguagem e, conseqüentemente, de suas habilidades com o conhecimento, também.

Ainda na consideração dos eixos do suporte teórico, observamos que, nos últimos anos, há uma valorização crescente da Literatura Infantil/Juvenil. Observa-se que a literatura destinada à criança e ao adolescente tem um papel significativo na formação do sujeito/leitor. Assim, pensa-se em uma Literatura Infantil e Juvenil que favoreça a formação de uma determinada consciência do eu, do outro, do mundo e uma filosofia de vida, segundo a qual, da consciência e da linguagem, nasce o conhecimento.

Compreende-se, assim, que, por meio da leitura do texto literário, a criança e o adolescente vão apreendendo o mundo que os rodeia e, a partir dessa conscientização/conhecimento, passam a ser capazes de transformar e transformar-se. Dessa forma, como afirmam Bordini e Aguiar (1993, p.14):

A obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero reflexo na mente que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita ou verbal.

Unindo todos esses eixos do suporte teórico, a formação do leitor é o grande objetivo dos contadores de histórias. Busca-se a formação de um hábito (de leitura), que seja o grande orientador e o amparo, também, do sujeito que é do mundo e está nesse mundo, como parte dele, como responsável por ele, como construtor (também), desse mundo e (sempre), como transformador desse mundo. A leitura do texto literário possibilita isso.

Ainda, para Bordini e Aguiar (1993, p. 13):

Todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente. Enquanto os textos informativos atêm-se aos fatos particulares, a literatura dá conta da totalidade do real, pois representando o particular, logra atingir uma significação mais ampla.

Para essas autoras, a literatura atinge um plano de significação de maneira universal. Isso possibilita ao sujeito/leitor pensar e sentir os fatos, tomando consciência do mundo concreto, o que ocorre pela mediação da linguagem verbal, escrita ou falada. De acordo com o que propõe Rebello (2015, p. 461):

A leitura pode ser fonte de prazer, quando se consegue penetrar no sentido por meio da percepção mais aprofundada do jogo das palavras que constroem o texto. A verdadeira leitura ultrapassa os significantes e chega aos possíveis significados permitidos pelo texto. Nesse contexto, a leitura não é aceitação passiva, mas é construção ativa. Cada leitura é uma nova escrita de um texto. O ato de criação não está somente na escrita, mas na leitura. Autor e leitor são produtores do texto. Um mesmo texto multiplica-se em infinitos textos, tantos textos quantas leituras houver. Cada leitura constituirá um novo texto, produto de determinações múltiplas. Com isso, a leitura passa a ser entendida como um ato social entre leitor e autor, que participam de um processo interativo. O leitor constrói, e não recebe um significado pronto para o texto.

É esse “leitor ativo” que o Grupo Abracadabra: contadores de histórias quer contribuir para a sua formação de sujeito/leitor. Um leitor que seja capaz de perceber os significados mais profundos de cada texto que lhe chega às mãos. Um leitor que também seja produtor de sentido a partir do texto lido. Um leitor que compreenda que ele também é um produtor de novos textos, a partir de cada leitura que realiza.

Em estudos sobre o sociólogo e crítico Antonio Cândido, Santos (2016) assevera que “Em seu texto *Direitos*



Figura 4:
Sessão de Contar Histórias no Câmpus Universitário do Araguaia/UFMT em comemoração aos 22 anos do Grupo Abracadabra: contadores de histórias

humanos e Literatura, Antonio Candido defende que a literatura é, ou ao menos deveria ser, um direito básico do ser humano, pois a ficção/fabulação atua no caráter e na formação dos sujeitos.” Segundo a autora, para Candido, a literatura tem um papel humanizador.

Da observação de todos os pressupostos elencados, anteriormente, ancorado no suporte teórico, o Grupo Abracadabra: contadores de histórias privilegia as atividades com o livro infantil e juvenil,

para fazer brotar em cada criança e adolescente a semente, a partir da qual possam germinar a consciência/conhecimento, considerando sempre que a Literatura Infantil e Juvenil é arte, mas não é ingênua. Por se tratar de leitura, não pode ser ingênua e, muito menos, neutra. Por ser leitura e arte, é um ponto basilar de onde podem nascer a consciência do eu, a consciência sobre o outro e a consciência sobre o mundo.

Dessa maneira, o trabalho desenvolvido pelo Grupo Abracadabra: contadores histórias com o Livro Infantil e Juvenil é, principalmente, pela contação de histórias. De acordo com Cavalcanti (2002, p.63):

[...] o homem é por natureza e essência sujeito da narrativa, portanto, um contador de histórias. A natureza humana mergulha na mais absurda complexidade no momento em que se banha no universo da linguagem. Daí pra frente, tudo nos é escorregadio e permanentemente transformado pela palavra [...].

E como palavra, como leitura, como linguagem, a contação de histórias tem uma função muito importante dentro das culturas de todos os povos. Por meio das histórias, a linguagem também pode ser compreendida sob dois enfoques: conhecimento-comunicação, encantamento-sedução, conforme orientava Platão, em seu diálogo *Fedro*, citado por Chauí (2002, p.72). Por isso, o contador de histórias assume um papel fundamental na formação da criança e do adolescente.

2.1.2 O Suporte Prático

Voltamo-nos, agora, para o suporte prático, o segundo ponto em que se apoia o trabalho do Grupo Abracadabra: contadores de histórias: a atividade prática deste grupo.

O Grupo de contadores de histórias se reúne, semanalmente, no período matutino, em Barra do Garças-MT, no Câmpus Universitário do Araguaia/UFMT e, no período vespertino, na cidade vizinha, Aragarças-GO, na Secretaria Municipal de Educação. Fazem parte do grupo, professores da rede pública e particular de ensino, estudantes da rede pública e particular de ensino e acadêmicos de cursos variados da UFMT e outras faculdades da região.

Nesses encontros, os cursistas e contadores de histórias estudam e discutem as balizas teóricas que fundamentam o seu trabalho, ancorados nas seguintes vertentes: Educação, Linguagem, Conhecimento, Literatura, Literatura Infantil e Juvenil, Leitura, Formação de Leitores e Contação de Histórias.

Além disso, nos encontros semanais, são, também, preparadas as sessões de contar histórias, que podem acontecer nas sedes dos encontros semanais ou nas Creches, Escolas, Praças, Eventos. Cada contador de histórias apresenta a sua história para o público formado por crianças da Educação Infantil, Ensino Fundamental ou outras séries. São histórias variadas, que procuram atender a todos os gostos e a todas as faixas etárias. Nesse momento específico de contação de histórias, percebe-se que os contadores se doam ao público que os assiste. O ambiente se transforma e os ouvintes se entregam para viagens por meio das narrativas ou dos poemas. Entram florestas adentro, navegam por mares cheios de mistérios, conversam com bichos, duendes, fadas, objetos. Passeiam pela vida, levados por autores variados, por meio da voz do contador de histórias. O contador estabelece um vínculo com o seu público, efetivando um momento de magia, encanto e leitura.

Na etapa que se segue, os contadores distribuem livros infantis e juvenis ao público presente. E o deleite continua, agora sob a forma de leitura. Uma leitura que pode ser sensorial, emocional ou racional, dependendo da faixa etária.



Figura 5:

Crianças das Creches Municipais participando da Comemoração dos 22 anos de vida do Grupo Abracadabra: contadores de histórias.

As viagens continuam por meio da palavra escrita contida nos livros. São momentos de leitura, de conversas com os colegas, de descobertas que fazem as horas passar num piscar de olhos, porque o tempo deixa de ser cronológico para ser maravilhoso, fantástico, um tempo do “faz-de-conta”. E, nesse momento, temos a mais absoluta certeza de que o livro tem lugar seguro na contemporaneidade.

Trata-se de um momento livre para a leitura, ao gosto da liberdade de cada criança e adolescente, jovem ou adulto. Se eles querem discutir algo com os contadores de histórias sobre o que leram, chamam algum deles. Se não, ficam à vontade para fazer a viagem por meio da leitura ao jeito de cada um, à moda que a sua imaginação permitir.

Após isso, há o momento dedicado às brincadeiras e músicas. É hora de cantar, dançar, exercitar o corpo. E, com essas brincadeiras, encerra-se mais uma sessão de contar histórias. Na próxima reunião do Grupo, os participantes avaliam o trabalho realizado, expondo, enumerando e analisando pontos positivos e pontos negativos. Na próxima sessão de contar histórias, essa avaliação será relembrada e observada.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesses 23 anos de existência, o Grupo Abracadabra já publicou dois livros, contendo histórias elaboradas pelos seus componentes: em 2012, publicou “Abracadabra! A Magia da Leitura” e em 2014, “Abracadabra! A Magia continua”.

Esse grupo de contadores de histórias, também, já foi tema de alguns trabalhos monográficos e artigos: 2014 – A Formação do Leitor por meio da Contação de Histórias: o incentivo à leitura realizado pelo “Grupo Abracadabra: contadores de histórias, de Flávia Cristina Vicente de Souza Abadia; 2014 - Abracadabra: histórias de vida e leituras de contadores de histórias, de Joselene Ribeiro Pereira; 2015 – Grupo abracadabra: contadores de histórias” – o incentivo à leitura por meio da contação de histórias com o uso de alguns Gêneros Literários infantojuvenis, de Orsulina Pereira Terto Rege; 2016 - O Significado da contação de histórias para alguns sujeitos participantes do Grupo Abracadabra: contadores de histórias, de Marinez do Nascimento Gamarra; 2016 – Artigo: Histórias de vida e de leituras de contadores de histórias: a constituição de sujeitos leitores e as contribuições do Grupo Abracadabra-contadores de histórias, de Joselene Ribeiro Pereira.

O trabalho de contação de histórias, realizado pelo Grupo Abracadabra tem um objetivo muito claro e bem definido, entre tantos outros: contribuir, por meio da contação de histórias, com a formação e o enriquecimento do hábito de ler. Porém, realizando isso pela arte, pelo lúdico, pela liberdade, pelo prazer. Entretanto, não de forma ingênua, mas buscando a formação do sujeito/leitor produtor de sentido, a partir da subjetividade de cada um. Um leitor que entenda a sua posição no/do mundo. Um leitor consciente do lugar que ocupa no universo, consciente do mundo e da vida.

Como já se delineou neste artigo, o trabalho do Grupo Abracadabra: contadores de histórias é uma atividade que não apresenta um resultado imediato, mas que, considerando-se 23 anos de efetiva existência (e, por que não dizer “persistência e insistência!?!”), essa atividade extensionista já colheu inúmeros frutos e já conquistou um espaço garantido, tanto na extensão do CUA/UFMT, quanto na região onde é desenvolvida.

Trata-se de um trabalho que, de forma muito simples, une Ensino, Extensão e Pesquisa, demonstrando, à moda “freireana” e inspirado na fala contundente de Candido (2015), que a leitura deve levar o sujeito/leitor à transformação, já que a Literatura deve ser possibilitada às pessoas como um direito inquestionável.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor**. Alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil**. Dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Ática, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Filosofia**. São Paulo: Ática, 2002.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas técnicas para trabalho científico**. Explicitação das normas da ABNT. Porto Alegre: s/n, 2015.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

REBELLO, Ilana da Silva. O texto e suas múltiplas possibilidades de leitura: pressupostos e subentendidos. In: BAALBAKI, Angela et al (Org.) **Linguagem, Teoria, Análise e Aplicações**. PPGUERJ. Rio de Janeiro, 2015.

SANTOS, Estela. Antonio Candido: a literatura como direito do ser humano. In: **Revista Homo Literatus**. Universidade Estadual de Maringá-PR. Maringá, 2015.

SILVA, Maria Claudino da. Grupo Abracadabra: contadores de histórias – a extensão do ICLMA/UFMT fazendo histórias e leituras. In: **VIVA: Extensão em Revista**. UFMT. Cuiabá: EdUFMT, 2007.